



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO – LEITURA

Autor: Me. Alessandro Alencar de Moura

Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: profalemoura@hotmail.com

Orientadora: Prof. Dr.^a Daise Lilian Fonseca Dias

Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: daiselilian.fd@gmail.com

Coautora: M.^a Luciana Barreto de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: lucianabaraujo@bol.com.br

Coautora: Esp. Veridiane Rosa da Silva

Universidade Vale do Acaraú. E-mail: veridianerosa32@zipmail.com.br

Resumo

Este artigo aborda algumas das especificidades existentes na relação professor-aluno-leitura, ao que concerne à implementação da leitura (principalmente a literária) nas práticas docentes dos professores de língua portuguesa, sobretudo os professores do ensino fundamental. Algumas considerações foram traçadas a partir de análises teóricas embasadas em autores que abordam a temática em questão, tal como Bamberger (1995), Frantz (2011), Lajolo (2005), Perissé (2006), entre outros. Por outro lado outras propostas foram vislumbradas. Da análise das práticas docentes nas escolas do país, traçou-se uma reflexão sobre os saberes, práticas e posturas necessárias ao professor que se utiliza da leitura com instrumento de pesquisa, de fruição, de conhecimento de mundo, tanto nas salas de aula onde atua como professor mediador, como fora delas.

Palavras-chaves: professor, aluno, leitura literária, práticas docentes.

Introdução

Para se alcançar um bom “nível” de leitura na escola, o professor de língua portuguesa, em especial, assume um papel de relevância. Quer queira, quer não, é na escola onde a maioria dos alunos vai ter, em grande parte dos casos, o primeiro contato com o texto literário. Uma pequena parcela dos alunos que adentram a escola já conhece a leitura literária desde suas casas, realizada pelos pais ou irmãos mais velhos, mas este quantitativo de alunos sabe-se que ainda é comparativamente menor. A escola é, portanto, a instituição responsável por esse primeiro contato, que pode ser construtivo ou desastroso.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Compreender o texto literário como “o objeto de ensino da literatura” (REZENDE, 2013) é desafiador. O professor que assume esta postura possui um trabalho especial pela frente e as suas práticas podem ir de encontro, ou contra, essa premissa. A relação entre professor e aluno é fator primordial no desenvolvimento da leitura literária e demais modalidades de leitura, em sala de aula.

Um bom professor faz toda a diferença, visto que o trabalho com o texto literário, com práticas adequadas, provoca nos alunos, entre outras potencialidades, o gosto pela leitura. Um professor eficaz, por exemplo, trabalha a leitura através do livro didático, mas não se limita a este suporte único. Lajolo (2005) confirma que para trabalhar a leitura com os alunos, o professor assume um papel principal de agente-mediador, especialmente no desenvolvimento do citado “gosto pela leitura” nos alunos. A autora acredita que a escola é o principal intermediário entre livros e alunos, que a partir deste contato a criança e o jovem estendem a leitura para a vida, fazendo dela uma fonte de aprendizagem, de informação e também de lazer. Lajolo (2005, p. 12) pondera que o professor “[...] é a figura chave para que a leitura chegue às mãos, aos olhos e ao coração dos alunos”.

Sendo assim, refletir sobre as principais práticas e saberes envolvidos na relação professor – aluno – leitura (enfaticamente a literária), juntamente às posturas adequadas do professor mediador constitui-se como foco primordial deste texto. A leitura realizada pelo mestre, enquanto pesquisa, fruição e conhecimento do mundo, deve influenciar sua formação, complementando, assim, a sua prática docente diária. Este texto, enfim, propõe-se a perscrutar alguns dos muitos aspectos envolvidos na implementação da leitura nas práticas do professor, nas aulas e fora delas, bem como entrever a necessidade dessas práticas de leitura a fim de se chegar ao letramento literário dos alunos.

Metodologia

Para Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa em sala de aula se insere no campo da pesquisa social, isto quer dizer que esse tipo de pesquisa dedica-se a sugerir uma resolução para determinado problema, sendo que tal solução deve ser útil à sociedade como um todo.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Baseando-se nessa perspectiva, este artigo constitui-se como uma pesquisa bibliográfica aliada a uma reflexão da prática docente de professores do ensino fundamental que trabalham língua portuguesa / leitura / leitura literária. A classificação “bibliográfica” deve-se, sobretudo, ao fato de ter sido necessário um levantamento de dados teóricos concernente ao tema para a construção do mesmo.

A reflexão nasceu, igualmente, da necessidade de proceder a uma crítica avaliativa referente às práticas docentes, em geral, e em particular às práticas dos professores de língua portuguesa. A temática, enfim e igualmente, é uma oportunidade de rever práticas didático-pedagógicas do próprio autor deste texto, enquanto professor de língua portuguesa.

Resultados e discussão

Para um médico, por exemplo, é imprescindível o conhecimento da biologia, da anatomia humana e também da ação das substâncias químicas (medicamentos, etc) no corpo de seu paciente. Fazendo-se uma analogia com o professor de língua portuguesa, em especial aquele que ministra a disciplina de literatura, o conhecimento da biologia, anatomia e o conhecimento químico podem ser comparados aos saberes no que diz respeito aos preâmbulos gramaticais, ao conhecimento de obras e estilos literários, bem como à internalização dos processos linguísticos de produção textual. Porém, ao professor de literatura, todos esses conhecimentos enumerados anteriormente não servirão para muita coisa, caso falte a este mesmo professor o gosto pela leitura. Também não lhe basta ser um leitor proficiente, o professor de literatura tem que ser um leitor afervorado de obras literárias. Essa característica será muito útil, uma vez que o professor-leitor por paixão partilhará com mais facilidade e, por que não dizer - considerando-se um elemento subjetivo importante - com mais amor e paixão, os conhecimentos de que dispõe.

Para produzir sentidos através da leitura literária, o aluno terá que dispor, entre outros elementos, de um referencial. Neste caso, a principal referência que o aluno do ensino fundamental dispõe é o próprio professor. No ensino médio pressupõe-se que o aluno já tenha entrado em contato com a leitura literária durante a etapa de ensino anterior - embora nem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sempre isso ocorra devidamente. No entender de Perissé (2006), o professor somente alcançará seus objetivos, caso demonstre alguns pré-requisitos, e o principal dentre esses é ser um leitor empolgado:

Transmitir, mais do que transmitir – mostrar a verdade da literatura como “lugar” de encontro, de aprendizado. Tornar o Brasil um país de leitores, não só combatendo o analfabetismo. Isso é muito, mas é pouco... Ninguém pensa, pesquisa, estuda ou escreve a partir do nada. Formar-se como leitor é adquirir cultura literária, definir preferências de gêneros literários, de autores, ousar conhecer escritores desconhecidos, explorar temáticas inatuais, fazer um catálogo de “clássicos pessoais”. Estas recomendações valem especialmente, pensando em termos pedagógicos, para o professorado brasileiro. Um professorado sem hábito de ler. Mais da metade dos nossos docentes desconhece a leitura diária, a leitura das entrelinhas, a leitura criativa. Ora, ninguém poderá formar leitores se não estiver empolgado com a aventura de ler (PERISSÉ, 2006, p. 79-80).

O autor continua a defesa da leitura, realizada na própria vida do professor, com uma espécie de ressalva. É útil cuidar de aspectos como infraestrutura, informatização da escola, etc, mas o essencial ainda é a formação do professor e ela passa, inquestionavelmente, pela formação leitora do docente.

Magnani (2001) também considera a leitura pessoal do mestre como sendo princípio básico para as futuras escolhas didático-pedagógicas que esse professor irá propor aos seus alunos. Ao mesmo tempo em que agencia os processos didáticos, o professor também faz parte deles:

O professor é, concomitantemente, alguém que participa ativamente desse processo; alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que espera de seus alunos. Para seu trabalho prático, os critérios de seleção de textos devem ser, entre outros, aqueles decorrentes da sua “frequência de leitura” (MAGNANI, 2001, p. 141).

Observa-se, portanto, que ao professor é imprescindível um acúmulo de leituras; isso no sentido de acervo de ideias, de concepções advindas da leitura, sendo um meio facilitador para se proceder à educação literária dos alunos.

A formação do professor-leitor é, de fato, extremamente relevante na concepção e prática de seu trabalho. Todavia, deve-se lembrar de que este professor está inserido em um esquema maior, um sistema social, político, ideológico e econômico hegemônico que impõe determinadas regras para a sociedade. Dentro deste quadro, nem sempre o professor, por melhor que seja sua formação, consegue atingir seus objetivos pedagógicos. Deve-se a isso o fato de a educação, consequentemente da leitura ser aparentemente insuficiente para ir contra as regras pré-estabelecidas, vigentes na sociedade, nesse sistema maior. A pobreza, para citar um dos males que atinge a atual sociedade brasileira, parece se perpetuar ou não diminuir, apenas parece ser “suavizada”, independentemente dos investimentos em educação e dos investimentos do professor em sua formação e prática diária.

Para Demo (2006), o insucesso das práticas pedagógicas escolares e de leitura não deve ser associado apenas à formação, adequada ou inadequada, do professor. Certamente um docente mal formado formará mal o seu aluno, questão de causa e consequência direta. Porém, ainda segundo o autor, encarar essa problemática culpando unicamente o professor seria injusto e ingênuo. Existem outros culpados: “[...] o sistema se satisfaz com esta miséria, porque, cultivando a falta de leitura ou a leitura trivial e facilitada, mantém a população como massa de manobra” (DEMO, 2006, p. 72). Nesse sentido, o fazer pedagógico do professor permeia a formação cidadã de seus alunos, formando pessoas com capacidade para discordar ou concordar, que tenham opinião e que a façam valer. Por último, acrescenta o autor:

Não há saídas mágicas, nem é o caso perder-se em escritas ordinárias. Mas, antes de perguntar o que os alunos lêem [sic] e escrevem, é sempre imprescindível perguntar o que os professores lêem [sic] e escrevem, porquanto se isto não estiver bem equacionado, fica patente que não estão bem formados, nem seriam capazes de incorporar a função de formadores. Quem compreende o significado profundo de ler e escrever, como experiência existencial infindável, questiona também o definhamento da experiência, que pode ir se esvaindo em eventos. Elevar-se é sempre penoso, enquanto descambar é fácil. A dimensão formadora da escrita e da leitura é que conta, para além de seu caráter instrumental de gosto ou necessidade. A



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

leitura e a escrita precisam comparecer como estratégias de indignação e resistência, manifesto de mudanças, carta dos direitos, proposta de intervenção alternativa. [...] Pessoas bem formadas não só questionam a má formação, mas principalmente a própria formação. Lendo e escrevendo, cada vez com qualidade mais apurada, burilam a condição de sujeitos históricos capazes de história própria, individual e coletiva (DEMO, 2006, p. 84-85).

O que está se afirmando sobre o professor-leitor, até o presente momento, é condensado por Frantz (2011). Como os demais estudiosos sobre o assunto, a autora afirma que, além de ser um leitor assíduo, o professor tem que estar a par dos interesses de leitura de seus alunos, só assim as propostas serão adequadas à turma. Ciente dos gostos e interesses de seus alunos, o professor-leitor pode buscar, em seu acervo particular, leituras que possam se adequar ou complementar o que vai ser trabalhado em sala de aula. Nas palavras da autora:

Resumindo, poderíamos dizer que a relação professor-texto-leitor exige, em primeiro lugar, que o professor seja um leitor competente e entusiasmado, que tenha conhecimento de um acervo literário significativo que amplie seu próprio universo cultural para poder *partilhar* com seus alunos suas descobertas e para ter condições de sugerir leituras significativas a seus alunos. Para tanto deverá conhecer também os interesses de leitura mais comuns à faixa etária daqueles, as fases de leitura, níveis de leitura etc. O professor não apenas sugere, mas também estimula seu aluno através dos mais diversos recursos ou técnicas. Mais importante é que ele mesmo dê seu testemunho de leitor, relatando aos alunos as suas experiências de leitura com entusiasmo e alegria autênticos (FRANTZ, 2011, p. 65; grifo da autora).

Apesar de o professor influenciar os alunos com as leituras por ele realizadas, é bom se ter cuidado na maneira como esta influência interventiva está sendo realizada. Coracini (2002, p. 89) chama a atenção para o fato de que “[...] os alunos se apoiam predominantemente no professor para a sua compreensão do texto”. Não só com o processo de compreensão, mais em todos os diálogos em sala, o professor deve influenciar o aluno, mas não a ponto de lhe tolher a iniciativa de escolha e de ponto de vista, principalmente na plurissignificativa leitura literária. Quanto mais participativa e aberta for a aula de leitura, mais significativa será a possibilidade de construção de sentidos a partir da experiência leitora.

Assumir essa postura mais receptiva nas aulas de leitura faz com que o papel comum destinado ao professor, como sendo hierarquicamente superior ao aluno, seja também revisto, afirma a autora, concluindo ser esta uma mudança positiva desde que favoreça o processo de aprimoramento cognitivo.

Dar-se a oportunidade de rever papéis é algo valioso. A autoavaliação é outro processo necessário ao bom professor. Com a velocidade da circulação de informações da era atual, os alunos dispõem de fontes de conhecimento rápidas e interessantes, principalmente as informações processadas pelo suporte digital. Sendo assim, o professor deve acompanhar a realidade de seu tempo, perguntando-se, por exemplo, se as práticas ministradas estão adequadas. A construção de sentidos advinda do texto literário se amplia e se modifica de acordo com o tempo, ou seja, de acordo com as ideologias e a percepção de cada época. O professor-leitor faz um papel de mediador entre leitura e compreensão, construindo os sentidos da leitura a passos proporcionais às informações de que seus alunos dispõem.

Compreendendo leitura como um processo dialógico, entre texto e leitor, pode-se afirmar que os sentidos dessa leitura não estão somente no texto, nem tão pouco, somente na compreensão do leitor. A leitura se completa através da junção entre leitor e texto: o texto está lá, para ser lido, mas de acordo com as informações e conhecimentos linguísticos e conhecimentos de mundo do aluno-leitor. Permeando o processo, espécie de mediador colaborativo, está o professor. Este se coloca entre os sujeitos do processo de significação, como acredita Orlandi (2012, p. 12) quando afirma ser “[...] a leitura a própria instauração do autor e do leitor em sua relação como sujeitos [...]”.

Assim, para o professor se faz urgente perceber que a leitura, sobretudo a literária, deve ser vista como uma oportunidade de produção de sentidos vários, até mesmo sentidos não tão esperados. Aproveitar a visão compreensiva do aluno, com a carga de conhecimento que ele traz de sua época, é propor uma aula dinâmica e interessante. É abrir espaços para que o aluno seja protagonista do processo de leitura. Conceber a aula de leitura dessa forma é proceder a uma leitura inteligente:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

De fato, a leitura inteligente não é aquela que se restringe ao que está escrito, mas ao que o texto como um todo diz, uma vez que os textos – e os literários especialmente – contêm informações que não estão explicitadas; por isso o papel do professor deve ser o de um mediador de leitura, não se restringindo a apresentar uma interpretação já definida para os textos. Para isso, deve atuar no sentido de criar as oportunidades necessárias para que o aluno construa o sentido do texto a partir de seu conhecimento de mundo, levando em conta que os estudantes poderão construir sentidos não previstos pelo docente (TERRA, 2014, p. 55-56).

Colocar a leitura na prática diária da criança faz com que esse estudante, ao progredir nos estudos, provavelmente continue acostumado à leitura e não desista dela no decorrer de sua vida. Outro aspecto positivo do trabalho constante com a literatura é fazer com que ela seja uma atividade natural, sem obrigatoriedade, sem avaliações simplistas e sem objetividades forçadas. Leitura pela leitura.

Outra concepção que o professor de literatura deve ter em mente é que os leitores vão variando de gostos e de preferências, sob características diferentes, nas diferentes épocas. Nesse sentido, Bamberger (1995) deixa claro que os interesses existentes na turma são pré-requisitos para poder desenvolver o gosto pelo literário e a capacidade crítica da maioria dos alunos e, a partir daí, o professor terá condições de expandir os horizontes dos estudantes.

Isso quer dizer que o professor não deve julgar o aluno de forma totalmente negativa por ele não gostar de ler um clássico, por exemplo. Ao contrário, vários dos alunos de hoje não apresentam interesse pelo cânone, no entanto, são adeptos da leitura das obras mais contemporâneas. Para Terra (2014), livros de Paulo Coelho e os romances do bruxo Harry Potter configuram-se como experiências de leitura comuns entre os leitores atuais. Terra (2014) afirma ainda que o gosto pelo literário varia não só de pessoa para pessoa, mas também de época para época, portanto o professor não pode ser excludente, categórico e/ou precipitado em seus julgamentos quando o quesito é leitura literária. Tudo deve ser bem aproveitado quando o objetivo é desenvolver o hábito da leitura (literária) nos alunos. Porém, o mesmo professor tem, por força de sua condição de mestre e orientador, encaminhar o aluno para que este conheça um corpus mais amplo de leitura. Naturalmente, dentro desse corpus o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professor deve inserir obras literárias que já provaram seu valor estético e cultural através dos tempos.

Vale ressaltar que aqui não se coloca em jogo a qualidade artística literária de algumas obras que atravessam as épocas com o mesmo vigor e importância estética e temática do tempo em que foram criadas. Não é este o problema. Errôneo seria propor atividades de leitura literária em sala de aula desconsiderando totalmente o gosto dos alunos e as obras do presente como manifestações da época em que esse aluno vive, em detrimento de uma visão artística e pedagógica excludente.

Bamberger (1995), ao listar alguns fatores que influem negativamente os interesses pela leitura por parte dos alunos, até mesmo podendo inibi-la completamente, chama atenção para a distância entre o que se lê na escola e os interesses reais dos alunos. Citando variados fatores, Bamberger (1995, p. 55) ressalta a:

[...] rigorosa separação entre a leitura na escola e a leitura particular. Somente o professor que encara a leitura do aluno como um todo é realmente capaz de formar leitores. Infelizmente, muitos alunos acreditam que o que lêem [sic] na escola não tem relação alguma com os seus verdadeiros interesses. O professor não exerce influência alguma sobre a principal espécie de leitura – aquela que se faz nas horas de lazer.

Jouve (2012, p. 135), escrevendo sobre a postura do professor no que diz respeito ao julgamento do valor literário das obras, afirma que “o objetivo do professor não apenas não é o do esteta, como também se distingue do objetivo do teórico”. Ao professor, cabe então explorar os aspectos da obra de arte que merecem ser conhecidos e reconhecidos pelos alunos. Tornar as obras acessíveis para os alunos vem a ser mais importante do que aprofundar discussões artísticas sobre elas, embora essas discussões sejam necessárias, elas devem ser exploradas de forma adequada ao nível escolar e cognitivo dos alunos. Essas leituras precisam ser usadas para fortalecer o hábito de ler. Ademais, conforme Jouve (2012, p. 133), “ensinar a

apreciar o que faz a ‘beleza’ das obras literárias” não é um objetivo fácil de realizar, pois tal objetivo se situa mais no campo pessoal do que qualquer outro aspecto.

No que toca à estrutura física da escola, Frantz (2011) também aponta para as boas condições da biblioteca como fator primordial, até essencial, para que o trabalho com a leitura possa acontecer. A autora ressalta também como toda a logística do espaço e outros aspectos do mesmo são igualmente importantes

Por outro lado, é importante destacar que não adianta ter um espaço de biblioteca adequado caso o professor use-o raramente. A própria visita à biblioteca deve se configurar como uma práxis de leitura. Tudo tem de ser organizado com antecedência. Orienta-se que já no planejamento o professor trace metas claras, com objetivos perceptíveis para os alunos. Em outras palavras, recomenda-se que o professor use o espaço da biblioteca realmente para um evento de aprendizagem de leitura. O hábito de visitar bibliotecas, museus e outros prédios afins, sabe-se, não é muito comum na prática cotidiana dos alunos, sobretudo das escolas públicas. Assim, nada mais interessante do que proporcionar esses momentos aos alunos, valorizando os objetos de leitura, livros, jornais, isto é, o acervo bibliotecário, além de práticas de uso da própria biblioteca.

Conclusão

Como se pode entrever através das reflexões realizadas, faz-se essencial que o professor seja um professor-leitor, porém, em muitos casos, esta condição não se efetiva realmente. A escolha nem sempre parte do próprio docente. Sabe-se da valorização insuficiente dos profissionais da educação pública no Brasil e dentro de condições financeiramente precárias, a formação leitora também pode ser prejudicada. Como a valorização do salário docente não é o foco deste trabalho, resta dizer que, apesar de todas as dificuldades encontradas, o professor que trabalha com leitura tem de ampliar seu próprio corpus, enquanto leitor, para que seus alunos sintam a verdade e o entusiasmo em sua fala. Uma das formas mais significativas de se influenciar o outro a ler é dar o seu próprio exemplo de leitor, sua experiência, seu conhecimento de obras, enfim.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O importante é se deixar claro que as aulas de leitura são essenciais para o desenvolvimento linguístico dos alunos. A escola deve, assim, ser útil para formar alunos que tenham capacidade de escrever e ler, porém não necessariamente formar escritores, artistas literários ou afins. Esse seria um dos maiores benefícios de um trabalho adequado na sala de aula em relação à leitura literária e demais leituras: formar alunos dotados da capacidade da autoria textual, não importando os gêneros ou classificações textuais, alunos que realmente saibam usar bem a palavra – escrita – como elemento de agência e poder diante da vida.

Assim, sendo parte de um sistema maior, o professor e o aluno vão, cada um a seu tempo e modo, compreendendo de forma mais abrangente o que os rodeia. Trata-se de conceber a literatura, em sala, como um mecanismo de conscientização política, chamando tanto o professor, como o aluno, a ser “[...] coautores não só dos fracassos, mas também da luta pela participação na construção da sociedade que interesse não apenas a alguns, mas principalmente aos exilados da palavra” (MAGNANI, 2001, p. 142).

Conforme pode ser observado, a relação professor-aluno-leitura constrói-se a partir de muitos aspectos. Aqui se procurou entrever alguns, sobretudo os mais significativos. Porém, a relação entre professor e aluno é um campo realmente vasto e merece a devida atenção. A leitura praticada nas escolas do país depende, dentre outros tantos aspectos, da intervenção do professor, diariamente, pois ele é o maior conhecedor das capacidades linguísticas de seus alunos. Procurar buscar meios de incentivo, meios que ajudem o professor nesta árdua tarefa, por fim, é algo necessário e imprescindível.

Referências

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CORACINI, Maria José (org.). **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas/SP: Pontes, 2002.



DEMO, Pedro. **Leitores para sempre.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

JOUE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler.** Brasília: Campinas/Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 2012.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita; (orgs.). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário.** São Paulo: Contexto, 2014.